

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS DO CAMPO: EM QUE MEDIDA ESTE FATOR CONTRIBUI COM A REPETÊNCIA E A EVASÃO ESCOLAR?

DIAS, Nara Regina Borges¹; DIAS, Vanessa Gonçalves²; PALUDO, Conceição³

¹ Universidade Federal de Pelotas – nara_regina_dias@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – vanygd@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Pelotas – c.paludo@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A violência pode tomar várias formas: física, simbólica, psicológica, econômica e institucional, entre outros aspectos. Ela vem sendo estudada por diversas áreas do conhecimento (ABRAMOVAY, 2003). Contudo, é no espaço escolar que atualmente a divulgação midiática de massa tem concentrado seu alvo, pois de maneira preocupante este fenômeno tem guiado a inquietação de vários setores, como a segurança pública, políticas sociais, educacionais, principalmente no que tange ao processo educacional e seus efeitos para a escolarização das crianças.

Deste modo o presente trabalho tem como objetivo apresentar a pesquisa que vem sendo desenvolvida através do projeto financiado pela CAPES/INEP Observatório da Educação do Campo núcleo UFPEL/RS, que tem como modelo o trabalho em rede com outras instituições universitárias SC, RS PR.

O artigo abordará o subprojeto que vem sendo desenvolvido em uma escola da zona rural do município de Pelotas, o objetivo deste subprojeto tem como enfoque verificar se o processo de violência no espaço escolar pode ter consequência para o ensino, escolarização, dos estudantes, fator este que pode estar contribuindo para a repetência e a evasão escolar na educação básica dos alunos da escola Municipal Almirante Raphael Brusque.

A referida escola está situada em uma área da pesca artesanal na colônia de pescadores Z-3 a grande maioria, dos alunos que fazem parte das turmas, é residente da Colônia, porém, cinco destes residem em uma granja Galatéia. A granja se diferencia, pois os alunos são filhos de trabalhadores da plantação de arroz. O nível sócio cultural da Colônia é de sujeitos que vivem em sua maioria da pesca artesanal, com suas especificidades de crenças, valores e costumes oriundos de sua origem pesqueira. Localidade com precárias condições de recursos e opções voltadas ao conforto e qualidade de vida aos que nela habitam.

Para o avanço teórico realizou-se uma pesquisa bibliográfica que deu aporte sobre a temática abordada. Para tanto se usou Freire (1987), que aborda a violência exercida sobre as classes populares; Abramoway (2003), que vem demonstrando em seus estudos o quanto à vulnerabilidade social pode trazer trajetórias de insucessos para as crianças e adolescentes das classes populares; Eyng (2011), que traça as perspectivas históricas e políticas da violência nas escolas; Mello (2005), que demonstra através de sua pesquisa a importância da pesquisa-ação no espaço escolar.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi à pesquisa-ação de abordagem qualitativa, esta forma de pesquisa é orientada pela inserção do pesquisador na realidade objetiva da

comunidade. Este processo permite ao pesquisador ir adentrando no espaço de pesquisa, articulando de forma mais objetiva o diálogo da ação- reflexão- ação. Tendo em vista não somente conhecer o espaço pesquisado, mas contribuir para que os sujeitos visem transformar sua realidade.

Segundo Lüdke e André (1986), “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”. Confirmando esta ideia, além do aprofundamento teórico, utilizou-se a análise documental do mapeamento de notas escolares, dos últimos três anos, 2011 a 2013, das séries iniciais, tendo como eixo de análise trazer informações sobre o número de repetências e quais séries e disciplinas que apresentam maior índice.

Foram realizadas seis observações livres em salas de aulas, bibliotecas, corredores e pátio, no intuito de verificar como se dão as relações sociais entre alunos e professores. Também houve quatro observações participantes nos espaços de festividade da escola, para se obter elementos sobre como a escola e a comunidade constituem suas relações. Além disso, realizou-se uma entrevista grupal de alunos de uma terceira série e uma entrevista com a orientadora educacional, tendo como propósito apurar as principais causas da violência na escola na visão da coordenação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos três anos em que o projeto vêm sendo desenvolvido nesta escola, podemos perceber que a violência físicas, sociais e simbólicas não é somente um fenômeno de fora para dentro deste espaço, mas que certamente tais fenômenos respingam na escola. Contudo encontramos no processo do cotidiano pedagógico uma forma não dialógica entre docentes e discentes, modelo que é mais comum do que se imagina. Enquanto a escola não pensar no aluno como parte integrante de suas ações e neste sentido fazer com que o Projeto Político Pedagógico venha de encontro ao interesse dos sujeitos desta comunidade, não haverá um diálogo, não haverá clareza na formação deste jovens.

Neste sentido podemos verificar o quão concretas são as preocupações desta comunidade escolar. Algumas crianças falam sem nenhum pudor do consentimento dos pais para fazerem uso de bebidas alcoólicas: Diz um aluno: “[...] meu pai sabe que vou às festas (bailes), eu bebo energéticos, cerveja e vinho”. Estes são depoimentos de crianças que possuem idade entre 11 á 14 anos e já há algum tempo vivem neste processo. Com a preocupação de aconselhar as crianças e as famílias, a orientadora educacional relata o seguinte:

(...) muitas crianças ficam agressivas e quando converso com elas percebo que em seus domicílios há algum problema, busco aos pais e não são poucas às vezes que noto que estão drogados, mostro a eles que não é possível as crianças assistirem estas cenas, sou incisiva, mas sei que vão continuar. Já pedi ajuda ao posto de saúde que tenta fazer o que pode, mas são muitos os casos e as instituições levam muito tempo para atender estas famílias.

Este processo de violência na comunidade da Colônia Z3 que desemboca no processo escolar é um fator agravante e que pode comprometer o processo de ensino-aprendizado, como futuramente sua formação profissional. Há os que desistem da escola pela falta de respeito e agressões físicas de alunos e de

professores com alunos. Uma escola que não possibilita um aprendizado com o compromisso de mudança é uma escola desumana, que não conduz para o que é essencial, a vida e ao mundo coletivo dos seres humanos e a natureza. A construção do aprendizado deve ser de relações que aprendam e ensinem, pois Freire (1987, p.78), diz:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.

Todos estes fatores já foram percebidos na escola, e a partir desta constatação já é possível mesmo que com dados ainda preliminares, que sim a violência é fator que deve ser problematizado e minimizado, pois pode direta ou indiretamente estar influenciando os dados estáticos do nível de repetência e da evasão escolar desta escola.

Nossos estudos indicam que precisamos construir elos mais fortes com pais, alunos, professores e comunidade para traçarmos um linear de perspectivas que somadas possam mudar os caminhos até aqui percorridos pela violência. Em nossas intervenções junto à escola ao longo deste trabalho já foi possível notar que a comunidade escolar mesmo em processo de consciência - transitiva compreende a importância das ações coletivas. E a partir da construção de um primeiro fórum contra a violência nesta localidade as famílias tiveram a possibilidade de darem seus depoimentos sobre a preocupante situação em que vivem em função principalmente das drogas.

Os testemunhos que as famílias, no papel das mães apresentaram, possibilitaram dar os primeiros passos para alçarmos novas expectativas. Tais declarações resultaram na comissão permanente entre pais, alunos, escola e algumas instituições como o posto de saúde a viabilizar instrumento que contribuam e ou possam minimizar os problemas hoje vivenciados por grande parte desta Colônia.

Ainda se faz importante ressaltar que não é só da escola a responsabilidade de acompanhar os estudos das crianças e dos adolescentes. As atribuições dos professores são as de contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos, através dos conhecimentos, dando-lhes autonomia para serem cidadãos mais críticos e responsáveis por si e pela comunidade em que vivem. É papel da escola proteger e orientar para o melhor caminho dentro de um diálogo franco e conscientizador dos problemas a serem enfrentados. "A responsabilidade do educador deve ser ampliada muito e adaptada há um tempo que exige uma maior prevenção contra as formas atuais de violência. Esta prevenção deve ser feita pela escola, juntamente com a família e a sociedade, visando ao antídoto deste mal." Valle e Mattos (2011, p. 50).

4. CONCLUSÕES

Frente ao exposto no texto, visto todo o processo de pesquisa até o presente momento, já é possível perceber que a violência está interferindo de maneira acentuada no rendimento das crianças e jovens. Entretanto, a violência não aparece de igual para todos, há os que sofrem com a violência doméstica, os que

têm sua autoestima muito baixa pelo número de repetências, há ingestão e influência de drogas e álcool desde muito pequenos, pelos familiares ou por eles mesmos. E no aspecto escolar aponta-se que: repetência e violência tem relação direta com a forma de gestão da escola.

Portanto para que a violência possa ser enfrentada com estratégias mais adequadas e preciso que a escola reveja sua forma de atuação, conferindo mudanças em seus procedimentos de gerir os processos pedagógicos. Milani ressalta que seriam fundamentais para escolas e educadores voltados à construção de realidades menos violentas.

[...] um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar; implementação de programas de capacitação continuada de professores; aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado do respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono de modelo vigente de competição e individualismo por outro, fundamentado na cooperação e no trabalho conjunto etc. (2003, p.39).

Assim nossos esforços também e principalmente se objetivam em qualificar melhor o aprendizado destas crianças na condição de se não erradicar pelo menos diminuir os índices de repetência e evasão escolar em parâmetros mais aceitáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Escola e Violência**. Observatório de Violências nas Escolas. Universidade Católica de Brasília UNESCO. UBC 2003.

EYNG, Ana Maria. **Violências nas Escolas: Perspectivas Históricas e Políticas**. Editora UNIJUI. IJUI 2011.

FREIRE, Paulo. **Criando Métodos de Pesquisa Alternativa**: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: Brandão, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ªed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EPU, 1986.

MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular: Da Intenção ao Gesto**. Isis Editora. Diálogos Pesquisa e Assessoria em Educação Popular. IPPOA Instituto Popular Porto Alegre 2005.

MILANI, Feizi Masrour. **Cultura de paz X violências: papel e desafios da escola**. In: MILANI, F.M; JESUS, R.D.P (orgs.) Cultura da Paz: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: INPAZ, 2003.